

NOTAS SOBRE OS *ENSAIOS* DE HUME: O CETICISMO COMO MODO DE VIDA ADEQUADO

Mario Tito Ferreira Moreno

PPGLM-UFRJ

Email: mario_uerj@hotmail.com

1 Introdução

Os filósofos da modernidade por respeito, ou por continuidade, muitas das vezes decidem retomar os filósofos da Antiguidade para construir suas filosofias e aplicar seus sistemas. Com o filósofo escocês David Hume (1711-1776) não foi diferente. O autor que conquistou notoriedade a partir de obras de epistemologia¹ e com sua aclamada e gigantesca *História da Inglaterra* (1754-1762) também escreveu sobre os antigos em um de seus estilos favoritos: os ensaios. Em *Ensaio morais, políticos e literários* (1741-1742), mais precisamente. Nesta obra, o autor separa quatro ensaios para tratar de escolas filosóficas que se expandiram no período da antiguidade em uma espécie de tetralogia dentro do texto. Tal tetralogia conta com um ensaio sobre os **a) epicuristas**, um sobre os **b) estoicos**, um sobre os **c) platônicos** e fecha com um ensaio sobre o **d) ceticismo**, que parece ser sua posição de preferência. No presente artigo, o objetivo é **1)** analisar a leitura do autor, de forma breve, em cada um dos ensaios citados anteriormente, e **2)** encontrar uma posição de Hume com relação a tais escolas filosóficas especulando uma possível afinidade com alguma(s) das escolas/seitas citadas. Entretanto o que está em jogo no escopo do trabalho é a aproximação filosófica de dois períodos tão longínquos. Há também uma característica menos sistemática nos textos presentes nos *Ensaio*s de Hume e isso nos leva a um caráter menos preso a sistemas filosóficos por parte do autor, o que torna o texto um pouco mais espreado e com mais possibilidades de desdobramentos e conjecturas. Se pensarmos que os *Ensaio*s não possuem a pretensão de fundamentar um sistema filosófico inteiro, como é declaradamente o objetivo do *Tratado* e da primeira *Investigação* do autor.

2 O epicurista (ou o homem da elegância e do prazer)

No primeiro ensaio da tetralogia o autor faz um ataque às felicidades artificiais que se dão através de regras racionais, manuais de como viver bem, ou sobre a pergunta: que é que faz o indivíduo feliz? Hume traduz em uma melancolia filosófica que a razão não nos leva à felicidade e tentar encontrar novos prazeres ou maquinar alguma felicidade é uma tentativa vã. O próprio autor indica que a felicidade seria um aglomerado de tranquilidade, alegria, repouso e prazer.

O texto tem um caráter ameno e com algumas metáforas indica que a verdadeira felicidade se encontra não em regras de conduta estabelecidas previamente, mas sim em prazeres que o indivíduo encontra nos afetos, paixões em

¹ *Tratado da natureza humana* (1739-1740) e *Investigação sobre o entendimento humano* (1748).

geral. Há aqui um indivíduo um pouco mais simples sendo desdobrado no ensaio do autor.

É nas nossas conversas mais animadas e não nos raciocínios formais das escolas, que pode ser encontrada a sabedoria. É nas relações entre amigos e não nos debates vazios entre estadistas, que a verdadeira virtude se revela. Esquecidos do passado, seguros em relação ao futuro, aproveitemos o presente; e, enquanto ainda possuímos um ser, procuremos conquistar algum bem permanente, acima dos poderes do destino e da fortuna. O amanhã trará consigo seus próprios prazeres: e, se ele desapontar nossos desejos, ao menos gozaremos o prazer de refletir sobre os prazeres de hoje.

Aqui se trata aparentemente de um ensaio sobre o homem que não é refém das artes ou dos códigos racionais mais refinados. Sobre o homem comum inclinado ao que lhe entrega prazer, pois somente tal prazer é o condutor para felicidade almejada.

3 O estoico (ou o homem de ação e virtude)

Nos quatro primeiros parágrafos o autor nos aponta a capacidade que o homem possui de gerir a natureza a seu favor. A introdução se apresenta como uma forma de se compreender que o humano se distingue em conduta dos animais justamente por estar mais próximo ao “divino” e isso permitir que o homem possa usar a arte e o trabalho para suprir suas necessidades. A natureza oferece ao homem insumos que podem ser transformados e geridos ao seu favor, ao contrário dos animais que têm suas necessidades supridas pela própria natureza, e quando não, os instintos se assumem tal função.

Na leitura do estoico de Hume a felicidade é o esforço de toda aventura humana e é tendo ela como finalidade que as artes, a ciência, as leis e todos os códigos de convivência são desenvolvidos, aprimorados e praticados. Tanto o vulgo quanto o douto visam o mesmo fim e ambos cometem erros e falham nesse processo, o papel do filósofo, nesse contexto, é justamente o de observar os erros de conduta e estabelecer regras para que se chegue a tal felicidade. O sábio, por sua vez, coloca em prática tais regras de conduta e alcança o fim desejado. O interessante é notar que Hume faz menções insistentes acerca da capacidade do homem tomar o leme de sua vida e usar a natureza a seu favor sendo por meio da arte ou por meio do trabalho ordinário, mas as possibilidades se apresentam e o homem deve lidar, ou em última instância, agir. Aqui a ação e a virtude se apresentam como capacidades inerentes ao homem que, por sua vez, deve se apropriar delas e colocá-las em prática. A noção de agir quando for necessário agir, e de que a natureza já deixou os diamantes a serem lapidados é presente no ensaio a cada exemplo.

Enquanto você tem em vista um objeto tão tentador, o trabalho e a concentração necessários para atingir esse fim poderão em algum momento parecer excessivos e intoleráveis. Pois saiba que este mesmo esforço é o principal ingrediente da felicidade a que você aspira, e que todo prazer depressa se torna insípido e desagradável quando não é adquirido por meio do esforço e do trabalho.²

² HUME, 2004, p. 268.

O que temos aqui, aparentemente é um homem entre o refém dos prazeres (o epicurista) e o dedicado à atividade filosófica (o platônico), portanto um indivíduo equilibrado entre os dois extremos que Hume observa. Há também no texto uma espécie de adequação ao indivíduo médio que vê em sua vida uma espécie de dádiva da criação divina e se vê grato e satisfeito com sua vida e faz dela o que deve ser feito, ou seja, trabalhar e ser virtuoso para atingir a glória. Ao final do ensaio isso fica mais evidente do que nunca.

O homem de moral, sem nada decidir sobre uma questão tão duvidosa, satisfaz-se com a sorte que lhe foi reservada pelo ordenador supremo de todas as coisas. Ele aceita com gratidão aquela recompensa suplementar que lhe é oferecida; mas quando desapontado, jamais considera a virtude uma palavra vazia. Ao contrário, por considerá-la, com justiça, a sua principal recompensa, reconhece com gratidão a generosidade de seu criador, que, chamando-o à existência, deu-lhe a oportunidade de possuir uma riqueza tão inestimável.³

Há aqui uma espécie de interpretação humiana de um comportamento de homens de ação/virtude, em última instância o autor entende isso como ser estoico. O indivíduo que aceita o que a vida lhe proporciona e que se aproveita do que a natureza lhe dá para realizar suas ações é um indivíduo de ação, em última análise, um indivíduo virtuoso. Fica clara aqui a aceitação de um destino: a resignação de aceitar o que não pode ser mudado, ou o que é dado. E a coragem de alterar aquilo que pode ser alterado.

4 O platônico (ou o homem de contemplação ou devoção filosófica)

Assim como o andamento do texto sugere, aparentemente esse seria um terceiro tipo de indivíduo segundo Hume, o homem que não é refém do destino e nem dos prazeres, o homem o qual a vocação é a filosofia e a contemplação. É um exercício raro o de ser filósofo e tal investigação filosófica não parece ser objeto de cortesia da grande parcela dos indivíduos. O filósofo é o indivíduo que tenta recomendar o seu caminho dentre todos os outros e convida os crédulos a todo o tempo a seguirem os seus costumes.

Mas um personagem mais augusto, ou ao menos mais ativo, apresenta-se corajosamente à nossa censura; e, assumindo o título de filósofo e homem da moral, oferece-se para ser submetido ao exame mais rigoroso. Ele desafia, com uma oculta, mas visível impaciência a nossa aprovação e nosso aplauso; e parecer ofendido se hesitamos, mesmo por um momento, em manifestar admiração pela sua virtude. Percebendo esta impaciência, hesito ainda mais: começo a examinar os motivos de sua virtude aparente: mas, atenção! Antes mesmo de eu iniciar esta investigação, ele se afasta de mim; e, dirigindo seu discurso àquela multidão de ouvintes desatentos, incita-os prazerosamente com suas enormes pretensões.⁴

³ HUME, 2004, p. 275.

⁴ HUME, 2004, p. 278.

Hume ironiza o filósofo e sua pretensa vontade de entender o mundo, entender tudo que se passa, e descobrir uma possível verdade em prol de uma idolatria de si, mas há no ensaio um tom jocoso ao indicar que a natureza é a mais bela das coisas e que o que resta ao homem é inventar mecanismos para adorar tal natureza de forma adequada. Aqui Hume parece apresentar como enxerga o filósofo dogmático em geral de seu tempo, um homem que tenta usar a seu favor as faculdades e mecanismos atribuídos à sua espécie para que possa contemplar de melhor forma o que o Criador ou qualquer ajuste metafísico teria nos oferecer. Aparentemente Hume encara a figura do homem de contemplação (ou filósofo) como um dogmático que quer estender regras gerais para a vida humana, sua posição contra tal dogmatismo fica mais evidente no último dos quatro ensaios.

5 O cético

O autor indica nesse ensaio algo um pouco distinto dos anteriores, primeiramente por não compreender que esse quarto ensaio faça parte do agrupado dos três anteriores. Todos os ensaios além de retomarem uma tradição filosófica indicam uma espécie de homem⁵, ao passo que “O cético” é apenas o cético, sem rótulos, sem mais delongas. É o tipo de indivíduo que não precisa de um subtítulo. Não é à toa que “O cético” seja o primeiro após os três tipos de homens citados por Hume e também não parece inocente o fato desse quarto ensaio ser o maior dos quatro. O autor parecer ter mais a dizer sobre esse o último, e se pensarmos em sua filosofia no geral somos tendenciosamente levados a acreditar que o filósofo se identifica nessa *persona*.

Hume evidentemente não dissocia os *ensaios* anteriores desse último e inicia “O cético” com um largo discurso acerca da felicidade humana e sobre o papel vão do filósofo quando tenta estabelecer critérios para o prazer e que não se faz prudente tentar, com nosso espírito limitado, dar conta de toda a ampla variedade da natureza. Logo no início do ensaio o autor é direto e já nos dá uma prévia do que virá.

Durante muito tempo, nutri uma desconfiança em relação às decisões dos filósofos sobre todos os assuntos e encontrei em mim mesmo uma grande inclinação a contestar as suas conclusões, mais do que aceitá-las. Existe um erro ao qual todos parecem sujeitos, quase sem exceção: eles limitam em demasia os seus princípios, tornando-se incapazes de dar conta da imensa variedade que a natureza sempre manifesta em suas operações.⁶

É de se compreender que Hume prepara o terreno no texto fazendo referências quase que veladas aos três ensaios anteriores. Aparentemente, Hume faz uma espécie de gradação entre os três tipos devida citados anteriormente, e elege o homem cético como o homem mais prudente ou menos refém de algo, seja do trabalho, dos prazeres ou da tentativa de encontrar racionalidade para os prazeres mundanos. Hume apresenta aqui uma filosofia limitada e que é incapaz de dar conta de todas as questões presentes no mundo e, ao mesmo tempo, dá um sentido de impotência à filosofia perante ao mundo prático, a filosofia, as ciências e as artes em geral refinariam o espírito e humanizariam o caráter que já é dado pela natureza. Em resumo, temos aqui a filosofia apresentada de forma ineficaz e uma espécie de

⁵ O epicurista (ou homem de prazer); o estoico (ou homem da ação); O platônico (ou homem de contemplação).

⁶ HUME, 2004, p. 283.

(i) crítica ao homem epicurista e (ii) platônico e um (iii) elogio ao homem estóico, o tratando de forma mais equilibrada, temos em sequência:

Embora os temperamentos dos homens sejam muito diferentes, mesmo assim pode-se afirmar com segurança que, em geral, uma vida de prazer não pode se sustentar durante tanto tempo quanto uma vida de trabalho⁷, pois se encontra muito mais sujeita a saciedade e à indiferença. Os divertimentos mais duradouros são aqueles que levam uma mistura de aplicação e atenção, como por exemplo, a caça e o jogo. De maneira geral, são o trabalho e a ação que preenchem os grandes vazios da vida humana.⁸

Aqui fica evidente uma espécie de posicionamento de Hume com relação a vida voltada aos prazeres, o autor acredita que a vida precisa do trabalho, da ação, do homem agindo e colocando a mão na natureza para garantir seu conforto e tranquilidade. Esse ataque ao homem epicurista acontece de forma até anterior ao ataque que citaremos na próxima passagem. Ao homem de devoção filosófica. Hume é irônico com tal indivíduo, acreditando que ele pratica uma espécie de religião sem perceber, tentando em sua limitação dar conta do que não se tem acesso, a saber: o universo. Afinal “o império da filosofia se estende para poucos; e, mesmo sobre estes, a sua autoridade é muito fraca e limitada”. E a partir desse ataque ao homem de devoção filosófica Hume começa a realmente a tirar sua balaclava. Vejamos:

A devoção filosófica, por exemplo, como o entusiasmo de um poeta, é o efeito provisório de uma animação intensa, de um grande lazer de um gênio refinado e do hábito do estudo e da contemplação. Mas, não obstante todas essas circunstâncias, um objeto abstrato e invisível, como aquele que somente a religião *natural* nos pode apresentar, não pode atuar duradouramente sobre o espírito, nem ter qualquer importância na vida, em momento algum.⁹

Hume nos *Ensaíos* já possuía sua base filosófica bem definida e tais *ensaíos* possuem um caráter mais pessoal acerca dos escritos de Hume, um tom um pouco não definitivo, mas essa passagem já nos indica o caminho do ceticismo que ficará cada vez menos encoberto.

A vida humana é regida pelo acaso e o que nos sobraria seria uma espécie de habitualidade e não regras racionais, Hume nos indica que a vida pode ser uma espécie de jogo indigesto e não uma ocupação séria, dada a brevidade da vida humana. E o temperamento do indivíduo é o real regulador desse jogo indigesto e não uma tabula de regras e princípios escritos por algum humano breve. O cético aqui não deve se preocupar tanto, pois não vale a pena. “Enquanto especulamos a respeito da vida, a vida já passou”¹⁰ e o jogo acaba pro vulgo e pro suposto sábio, para o homem voltado ao prazer e para o homem voltado à contemplação. O autor deixa claro que a não suspensão do juízo, ou a tentativa de aplicar métodos e regras para a vida é uma ocupação vã e dolorosa. O condicionamento do texto é que a verdadeira felicidade se encontraria na suspensão desse tipo de investigação dura, cheia de ordenações e tentativas de descobrir o real significado.

⁷ Como no caso do homem de ação, ou o estoico.

⁸ HUME, 2004, p. 293-294.

⁹ HUME, 2004, p. 293.

¹⁰ HUME, 2004, p.310.

Conclusão

O que pretendemos apontar nessa breve análise da leitura dos *Ensaio*s de Hume é sua posição com relação aos mesmos, o que fica evidente é uma identificação clara com o ceticismo. Entretanto não cremos que isso seja muito difícil de ser notado. O autor encara o último ensaio como algo isolado dos outros três e utiliza o mesmo para indicar críticas aos anteriores. Hume não possui a pretensão de explicar as antigas seitas nos ensaios, mas sim interpretar os comportamentos dos indivíduos no mundo e suas diferentes ideias sobre vida humana e felicidade, para tal encontrou seitas filosóficas as quais os comportamentos possuiriam similaridades ou afinidades. Como Hume indica, há aqui uma falta de rigor filosófico e uma ideia de que nada que está escrito em tais textos deva soar de forma definitiva, mas sim como *ensaio*s. Tem-se uma espécie de gradação de indivíduos mais vulgos e voltados aos prazeres, passando por indivíduos de ação, voltados à virtude até chegar aos filósofos (na verdade, como Hume entendia os filósofos). O autor considera que o ceticismo é o caminho, na medida em que permite que a vida não seja uma eterna tentativa vã de procurar dogmas e manuais para ser seguida. O ceticismo além de suspender o juízo, garante que o homem não dedique sua preocupação à tentativas exaustas em tentar explicar o infinito, a natureza e o que vai além das limitações humanas. Aparentemente seria muito mais interessante deixar isso pra depois e se dedicar a tomar uma taça de vinho com os amigos ou a jogar gamão, como o próprio indica no *Tratado da natureza humana*.

Referências bibliográficas:

HUME, D. 1973. *Investigação sobre o entendimento humano*. Tradução L. Vallandro. São Paulo: Abril.

_____. 2004. *Ensaio*s morais, políticos e literários. Rio de Janeiro: Topbooks.

_____. 2007. *An Enquiry Concerning Human Understanding*. New York: Oxford University Press.

_____. 2009. *Tratado da natureza humana*. Tradução D. Danowski, São Paulo: Editora Unesp.